

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PESQUISA HISTÓRICA II**



**A CARNAÚBA NO VALE DO AÇU: DECADÊNCIA DA ATIVIDADE  
EXTRATIVA DA ÁRVORE DA VIDA (1980 a 2005)**

**EDSON BARRETO DE SOUZA**

**NATAL-RN  
2005**

**EDSON BARRETO DE SOUZA**



**A CARNAÚBA NO VALE DO AÇU: DECADÊNCIA DA ATIVIDADE  
EXTRATIVA DA ÁRVORE DA VIDA (1980 a 2005)**

Monografia apresentada à disciplina pesquisa  
histórica II, ministrada pela professora Denise  
Mattos Monteiro, do Curso de Historia da  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,  
sob a orientação do professor Luis Eduardo  
Brandão Suassuna.

**Natal-RN  
2005**

Aos meus pais Eduardo e Eurides, pela valiosa educação centrada na moral e nos bons costumes.

A minha esposa Francinete, meus filhos Emanuel e Suzana e todos aqueles que presenciaram a minha trajetória dentro da UFRN.

## AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo o nosso redentor, que nunca desampara seus fiéis seguidores, dando-lhes determinação e força de vontade para atingir seus objetivos.

Ao professor Luís Eduardo Brandão Suassuna, pela utilíssima contribuição para a elaboração desta monografia, que com sua extraordinária colaboração o trabalho fluiu de forma satisfatória para o resultado desejado.

Aos meus familiares e amigos pela compreensão, apoio, incentivo e amor durante os cinco anos de dedicação ao curso de História.

A todos os colegas e professores do Curso de História da UFRN pela convivência, que mesmo com os prós e os contras da vida acadêmica são personagens fundamentais dessa história.

A professora Terezinha Aranha que me cedeu alguns livros de suma importância e abriu as portas do Núcleo Temático da Seca, fonte de muitas informações que enriqueceu mais ainda o relevante trabalho.

Aos entrevistados, José Moraes, Francisco Sales e Dário Nepomuceno, pelas valiosas informações referentes ao tema.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1- CARACTERÍSTICAS, UTILIDADES E RALAÇÕES SOCIO PRODUTIVAS	8
1.1 Características	8
1.2 Utilidades	10
1.3 Relações sócio produtivas	14
2- DECLÍNIO DA PRODUÇÃO ESTRATIVA DA CERA DA CARNAÚBA	19
2.1 Breve histórico da trajetória extrativa da cera no Vale do Açu	20
2.2 Antecedentes do declínio	21
2.3 Anos 80: A barragem do Assu como a principal causa do declínio	23
2.3.1 A instalação das agroindústrias e a derrabada da carnaúba	25
3- DÉCADA DE 1990 E INÍCIO DO SECULO XX: CONTINUAÇÃO DO DECLINIO E AS CONSEQUENCIAS DA POSSIVEL EXTINÇÃO DA CARNAUBEIRA	29
3.1 Mais multinacionais, aumento da devastação e diminuição da produção da cera	30
3.2 A extinção da carnaúba pode provocar a degradação do meio ambiente e o desaparecimento de uma cultura	35
3.3 Organizações e Cooperativas surgem como luz ao do túnel	37
CONCLUSÃO	40
FONTES E BIBLIOGRAFIA	42
ANEXO	

## INTRODUÇÃO

A Carnaúba (*Copernicia cerífera mart*), palavra tupi que significa árvore que arranha, juntamente com outros tipos de vegetação, compõe o cenário do semi-árido nordestino. Bela, tanto pelo seu porte, quanto por sua copa, pode chegar a 15 metros de altura e em casos raros chegar a 40 metros e ter uma vida útil de aproximadamente 200 anos. No Nordeste, essa espécie de palmeira se concentra nos estados do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte, sendo os dois primeiros os maiores produtores do país. No Rio Grande do Norte, a carnaubeira existe em maior quantidade no vale do Assu e no vale do Apodi, micro-regiões onde se pratica (embora em fase de estagnação) o extrativismo vegetal, uma das fontes econômicas destas regiões. A extração da palha e do olho da carnaúba, que passa por um processo produtivo se transformando em pó e posteriormente em cera, constitui no início do século XIX, juntamente com o algodão um dos principais ramos de produção do semi-árido da província do Rio Grande do Norte, principalmente no vale do Açu. Mas é a partir da década de 40 do século XX que essa atividade atinge seu apogeu; isto em decorrência da utilização da cera de carnaúba como matéria-prima para a fabricação de isolantes utilizados na Segunda Guerra Mundial e de uma série de produtos industriais, como: polidores, cosméticos, revestimentos, lubrificantes e etc. Considerada pelo naturalista alemão Sir Humboldt como a árvore da vida devido a sua multifuncionalidade, pois além da cera, sua palha servia para a fabricação de produtos artesanais como chapéus, esteiras e cestos; a carnaúba, que enriquecia proprietários de carnaubais e comerciantes; em virtude do aparecimento de outras culturas agrícolas, produzidas por agroexportadoras (multinacionais que se instalaram no vale do Assu) principalmente no final da década de 80, vê a sua atividade entrar em declínio, acentuando-se ainda mais na última década do século XX.

É a partir deste contexto (decadência da atividade extrativa da cera) que procurarei abordar a importância econômica dessa atividade extrativa para o vale, como também, saber o que motivou os carnaubeiros e comerciantes a desistirem da atividade econômica proporcionada pela árvore que é a identidade dos sertanejos do vale do Assu. Com esse intento irei utilizar uma bibliografia que aborde o tema supracitado, como: o Sesquicentenário da Cidade de Assu, de Terezinha Aranha publicado em 1995; Ensaio sobre a carnaubeira de Joaquim Bertino de Carvalho; A dinâmica da produção e distribuição da cera da carnaúba no vale do Assu, de Carlany Miranda P. Bezerra; utilizar relatos de pessoas da região que trabalharam e trabalham nessa atividade extrativa, para servir como anexo no final desse trabalho monográfico e fazer questionamentos sobre o possível abandono dessa atividade.

Sendo assim diante da pesquisa dividirei o trabalho monográfico em três capítulos: o primeiro discorrerá sobre a palmeira em si, suas utilidades e o relacionamento sócioprodutivo existente na atividade; o segundo abordará a trajetória extrativa do século XX, sua fase áurea, precedentes do declínio que começa a ficar acentuado na década de 80; e por fim o terceiro que mostra a situação da atividade da cera de carnaúba no década de 1990 e início do século XXI, as consequências da possível extinção e o que está sendo feito para mudar o quadro em que se encontra atividade artesanal e extrativa da carnaúba.

O trabalho conta com anexo com as entrevistas que serão realizadas e fotos da palmeira, sua atividade e seu artesanato.

## 1 CARACTERÍSTICAS, UTILIDADES E RELAÇÕES SÓCIO-PRODUTIVAS.

### 1.1 Características

A América Latina abriga treze espécies do gênero da carnaubeira, mas só a carnaúba existente no Nordeste brasileiro produz o pó cerífero<sup>1</sup>. A carnaúba (*Corpenicia cerifera* Mart.), espécie endêmica de vegetação do Nordeste do Brasil, predominantemente nos estados do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte, destaca-se pelo seu porte, medindo aproximadamente 15 metros de altura, podendo chegar até 40 metros e ter uma vida útil de quase dois séculos. Sua altura, auxiliado por sua bela copa lhe proporciona um grande destaque na vegetação, principalmente nas regiões ribeirinhas, onde o solo argiloso faz com que o carnaubal se torne muito denso, obtendo assim as maiores populações nas várzeas dos rios e encontrado esporadicamente em tabuleiros. O solo argiloso proporciona a árvore um tamanho mais elevado, como também um maior rendimento para a produção do pó e da cera.

Os carnaubais se propagam com a grande ajuda dos morecos, que contribuem de maneira exemplar para o aumento das palmeiras, pois a forma sistemática de plantio feita pelo homem, não surtiu efeito. Joaquim Bertino em ensaios sobre a carnaubeira cita uma informação de Esaú Accioly falando da utilidade dos roedores voadores:

Devemos aos vampiros, que são os incansáveis semeadores das sementes de carnaúba, os carnaubais existentes em nosso estado (no Nordeste brasileiro) que vão aumentando todos os anos a nossa produção de cera. São, pois, os morecos os únicos (até agora) colaboradores pela multiplicação dos carnaubais, que não deixam de ser a maior riqueza dos nossos sertões.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup>A formação da cera tem origem no interior de célula vegetal ao nível do citoplasma, através do fenômeno de fotossíntese. É, portanto, um produto de excreção do vegetal. O pó cerífero é uma camada protetora da folha impedindo a perda de umidade da mesma.

<sup>2</sup> CARVALHO, Joaquim Bertino de Moraes. *Ensaio sobre a Carnaubeira*. Natal:EMPARN, 1982. (Coleção Mossoroense). P. 10.



Com isso, os morcegos espontaneamente faziam o papel de agentes propagadores, ocasionado assim o aumento dos carnaubais nordestinos, resistentes tanto a inundações como a secas prolongadas; dando, na época destas, um visual, que foge do tom acinzentado da caatinga, verdejante, proporcionado pela sua belíssima copa.

A carnaúba é classificada de acordo com a posição dos pecíolos (caraca) em dois tipos: a carnaúba branca, que tem os pecíolos com curvas para a direita; e a carnaúba vermelha, pecíolos com curvas para a esquerda. Arruda câmara citado por Joaquim Bertino assim a descreve:

São conhecidas dos práticos, duas variedades que se distinguem conforme o nascimento das folhas. ... se são ligadas ao estípite, em hélices, que subindo, da base, se desenvolvem para a direita ou para a esquerda, (...).<sup>3</sup>

Quando nova a carnaúba é chamada de candu, e junto com outras vegetações rasteiras serve de habitat para pequenos animais silvestres da fauna do semi-árido. A partir de seis ou oito anos, dependendo do solo no qual se encontre o carnaubal; argiloso na menor quantidade de ano e arenoso na maior, a carnaúba está apta para a extração da palha (palma ou folha)<sup>4</sup> e do olho (broto da extremidade superior da árvore)<sup>5</sup>, para a produção do pó e posteriormente da cera. Na fase adulta a carnaúba dá um fruto que tem o mesmo nome da palmeira. A carnaubinha, como é popularmente chamado este fruto, é bastante apreciada pelos sertanejos, que com uma forma esférica apresenta duas tonalidades: verde e preta, sendo a última no ponto para o consumo.

<sup>3</sup> CARVALHO, Joaquim Bertino de Moraes, *Ensaio sobre a Carnaubeira*. P.18

<sup>4</sup> - PASSEGGI, Luis. O Léxico da carnaubeira no vale do Açú, de Maria das Neves Pereira. IN: ARANHA, Terezinha de Queiros (org). *Sesquicentenário da cidade de Assu 1845-1995*. p.74

<sup>5</sup> Ibid. p.73.



## 1.2 Utilidades

Quando o naturalista alemão Sir Humbolt denominou a carnaúba de "Árvore da Vida"<sup>6</sup>, com certeza utilizou a expressão mais adequada, pois a sua multifuncionalidade para o sertanejo, e posteriormente para a indústria que utiliza sua cera como matéria-prima para uma série de produtos, confere a carnaúba este status de árvore que proporcionou aos habitantes dos vales em que ela existe em abundância (principalmente o vale do Açu), uma vida menos dolorosa em um lugar afetado por secas periódicas, pois da raiz até a copa é utilizada para a subsistência de todos.

Sua raiz, segundo Manuel Antonio de Macedo, citado por Joaquim Bertino em seu ensaio<sup>7</sup>, tinha propriedades medicinais e os índios (cariris)<sup>8</sup> que habitavam a região composta por carnaubais, foram os primeiros a se beneficiar das vantagens patrocinadas pela carnaúba. Estes nativos utilizavam estas raízes para a cura de suas afecções cutâneas e como depurativos poderosos contra a sífilis, servindo como substituto da salssaparrilha, por ter propriedades semelhantes.<sup>9</sup>

O caule, que em um passado não muito distante teve diversas utilidades, pois dele se faziam: pequenas embarcações, muito utilizadas no período de cheias para transportar pessoas como também os frutos das lavouras que ficavam nas partes altas das terras dos camponeses (milho, feijão e batata): cercas, para separar o gado das lavouras; passadiços (espécie de degraus que facilitavam a passagem de um lado para o outro da cerca); postes para as rudimentares redes elétricas e para os telegráficos; trapiches; currais e finalmente material estritamente necessário para a construção das casas, empregando-o da parede ao teto das

<sup>6</sup> CARVALHO, Joaquim Bertino de Moraes. Ensaíos sobre a Carnaubeira. p.3.

<sup>7</sup> Ibid., p19.

<sup>8</sup> GICO, Vânia. Resumo comentado de *A carnaúba de Câmara Cascudo*. IN: ARANHA, Terezinha de Queiros (org). *Sesquicentenário da cidade de Assu 1845-1995*. p.43

<sup>9</sup> LINS, Rachel caldas e ANDRADE, Gilberto Osório de. *Os rios de carnaúba I o Rio Mossoró* (Apodi). Mossoro: 2 ed. ESAM, V.2.1997.p.106. (coleção mossoroense, V 2).

edificações. Phellipe Guerra que estudou cuidadosamente a carnaubeira no Rio Grande do Norte, expressa muito bem a utilidade de seu caule nas construções das casas:

Pode-se dizer que em Mossoró, Açu, Apodi, Caraubas e Augusto Severo não há um só edifício coberto de telha, que seja emadecirado de carnaúba. Uma carnaúba lascada ao comprido dá quatro a seis caibros, que dispensava as ripas, pois, sobre eles são assentadas as telhas. (...) sabe-se que dura séculos; não é sujeito a bichos, nem mesmo a cupim que sobre ela se instale.<sup>10</sup>

Sendo assim, nas casas dos habitantes dessa região, tanto no meio urbano como rural, embora hoje exista em menor quantidade; do caule da carnaúba se faz desde colunas de sustentação, a linhas, caibros, barrotes e bicas (calhas utilizadas para captar água para tambores e outros reservatórios no período chuvoso).

O miolo das árvores pequenas (candu), era utilizado para amenizar a fome dos animais nas grandes estiagens ao longo dos anos no semi-árido nordestino. Depois da retirada da caraca e da espessa casca, em um trabalho coletivo no qual envolvia todos da família, cortava-se o miolo em pequenas lâminas para o alimento do gado.

O talo (haste espinhosa da palha)<sup>11</sup> utilizado para fazer portas, janelas, porteiras, chiqueiros, gaiolas, balaios e cercas que ficavam bem fechadas, pois desta forma impedia a entrada de animais de pequeno porte nas lavouras. Exceto as duas primeiras utilidades, o restante ainda hoje tem como uma das matérias primas o talo.

O fruto, côquilho de cor verde ou preta, sendo que o segundo já maduro de sabor adocicado, é muito apreciado pela população do Vale do Açu e regiões onde a palmeira compõe o cenário natural. Além de apreciada pela população o fruto também servia de alimento para os animais. Estes eram uns dos principais predadores da carnaúba antes mesmo

<sup>10</sup>GUERRA, Phelippe. *A carnaúba*. Boletim do Ministério da Agricultura Industria e Comercio. Rio de Janeiro, 1912, p.83.

<sup>11</sup> PASSEGGI, Luis. *Sesquicentenário da cidade de Assu. 1845-1995*. p. 80

dela nascer, pois ao comer a parte delgada do coquilha, na maioria das vezes esmagava-os impedindo que estes brotassem. Phelippe Guerra escreveu:

Os frutos apresentam-se em grandes cachos pendentes. Antes de maduros, tem a cor verde; maduros, tomam a cor negra, luzidia. É um pequeno coco durissimo, nada tendo de aproveitável no interior, é coberto por uma delgada camada fibrosa que, quando madura, fica impreguinada em seu tecido de uma diminuta quantidade de polpa com um especial sabor adocicado, muito apreciado pelas crianças, e que, nos curtos dias de safra, auxilia a itudir a fome em tempos criticos.<sup>12</sup>

O produto da carnaúba de melhor utilidade, que no inicio era utilizado somente na fabricação de produtos artesanais que tradicionalmente ainda fazem parte da manufatura rural, é a palha, utilizada para o fabrico de chapéus, esteiras, arupemas, cordas, feitas das fibras da palha (chamadas pelos índios de ticum)<sup>13</sup>; balaios; forros de cangalhas; cestos, entre outros.

O botânico Manuel Arruda Câmara, citado por Câmara Cascudo<sup>14</sup> como o primeiro brasileiro a estudar a carnaúba, em 1796 descobre a cera vegetal como produto químico curioso, feito a partir da fusão do pó extraído da palha da carnaúba; classificando-a de *Coripha Cerifera*<sup>15</sup>. No entanto, foi outro brasileiro que implementou investigações científicas sobre a cera de carnaúba e sua utilização industrial (1811). Segundo Joaquim Bertino<sup>16</sup>, Manuel Antonio de Macedo ganha o título de pioneiro e é responsável pelas melhores referências sobre esse assunto (a cera de carnaúba). Em 1836 já se extrai a cera, e Macêdo é responsável pela divulgação desse valioso produto no exterior, quando leva para Paris meio quilograma desta cera para que o M. Barruel, preparador do curso de química da Sorbone, a analisasse<sup>17</sup>. Em 1852 realiza-se a primeira exportação da cera e em 1853 figura-se na estatística de exportação.

<sup>12</sup> GUERRA, Phelippe. *A carnaúba*, p. 84.

<sup>13</sup> LINS E ANDRADE, *Os rios da Carnaúba I o rio Mossoró ( Apodi)*. p. 106

<sup>14</sup> GICO, Vânia. *Sesquicentenário da cidade de Assu 1845-1995*. p.

<sup>15</sup> CARVALHO, Joaquim Bertino de Moraes. *Ensaio sobre a Carnaubeira*. p.13

<sup>16</sup> *Ibid.*, p 16.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 7.

De início, a cera, a mais dura das ceras vegetais e uma das de mais elevado ponto de fusão<sup>18</sup>, antes mesmo da descoberta de suas propriedades químicas e físicas, era utilizada na fabricação de velas. Esta já com sua indústria, em 1845, atingia a sua expansão inicial. Em 1939 a vela deixa de ser fabricada no sertão, tendo em vista o alto custo do material (cera). A cera estava sendo comercializada por um valor altíssimo, desta forma pagava-se bem para produzi-la, tornando assim inviável a fabricação de um produto de valor comercial tão baixo. Logo depois esta preciosidade vegetal (cera), após uma série de investigações científicas que demonstram uma combinação de propriedades de remarcáveis importância aplicada, como: dureza; alto ponto de fusão; fratura e excelente retenção de solventes<sup>19</sup>. Isso faz com que a cera seja utilizada como matéria-prima para inúmeros produtos industriais. Dentre estes produtos, figuram-se: polidores; cosméticos; discos fonográficos; graxas; vernizes especiais; filmes; explosivos; papel carbono; impermeabilizador de papel destinado ao acondicionamento de alimentos; um produto de conservação de material eletrônico, especialmente computadores, e muito mais.<sup>20</sup>

### 1.3 Relações socioprodutivas

No semi-árido nordestino o período de estiagem é muito prolongado, pois de junho a fevereiro são mínimas as precipitações pluviométricas. É justamente nessa época (setembro a janeiro) que se faz a extração da palha e produção do pó e da cera de carnaúba, pelo fato da chuva nesse caso específico servir de empecilho para o desenvolvimento desse processo. O sol é o elemento imprescindível, pois é a partir da palha seca que acontece a batadura para extração do pó.

---

<sup>18</sup> LINS E ANDRADE, Os rios da Carnaúba I o rio Mossoró ( Apodi). p. 95

<sup>19</sup> ARANHA, Terezinha de Queiroz. Sesquicentenário da cidade do Assu 1845-1995. p. 199

<sup>20</sup> ARANHA, Terezinha de Queiroz. Sesquicentenário da cidade do Assu 1845-1995. p. 199

Como no sertão a chuva dá subsídios para o cultivo de culturas agrícolas (milho, feijão, melão, melancia e batata), pois é a partir destas que se tira o necessário para a subsistência de todos; na seca, a extração de palha de carnaúba serve como alternativa e fonte de renda para suprir as necessidades dos sertanejos. Se no período chuvoso, o milho, o feijão, o jerimum, a batata e a melancia movimentam a economia da região (especificamente o Vale do Açu), na seca, a atividade extrativa da cera geram emprego e renda, dando dinamicidade ao comércio daquela região, preenchendo assim a lacuna deixada pela falta de expectativa diante do término do inverno.

O contexto acima faz com que apareçam novos agentes, que não deixar de ser o mesmo camponês, e uma nova relação no trabalho agora para o processo produtivo da cera, que vai desde a extração ao processamento culminando no fim desejado por aqueles envolvidos nesse processo; que é a comercialização do resultado do trabalho de todos. Rogério Cruz utilizando-se das idéias de Marx, afirma que o processo:

Tem um duplo aspecto, material e social, por quanto reúne homens e natureza com o objetivo de transformar matérias em coisas úteis que são posteriormente comercializadas em mercado – ou seja, o lócus das trocas mercantis.<sup>21</sup>

Sendo assim, a produção e comercialização da cera envolvem agentes sociais com diferentes atribuições, numa relação sócio-produtiva peculiar a essa cultura praticada pelos sertanejos; encarada como a alternativa salutar de ganhar o suficiente para desfrutar uma vida digna, isto de acordo com suas concepções de dignidade, vislumbrando e almejando desde o lucro à ascensão social através da cera de carnaúba.

A atividade extrativa da cera, que no passado movimentava a economia no Vale do Açu com resultados positivos, concretizava – se, como hoje concretiza-se sendo que em

---

<sup>21</sup> CRUZ, Rogério. Processo de produção da cera de carnaúba: um exercício teórico. IN: ARANHA, Terezinha de Queiroz (ORG.) *Sesquicentenário da cidade do Assu 1845-1995*. Natal: Departamento de imprensa. 1995. p. 121.

menor escala, através de interações; como afirma Rogério Cruz.<sup>22</sup> primeiro do homem com a natureza e segundo dos homens entre si". Essa teia de relações começa com o proprietário do carnaubal, e vai até ao comerciante, responsável pela exportação do produto. O resultado disso tudo é: a geração de emprego e renda para a população, antes ociosa com a estiagem e a circulação monetária e conseqüentemente desenvolvimento do comércio local, embora temporariamente, pelo fato desta ser uma cultura da seca.

A extração de palha e produção da cera de carnaúba são feitas pelos proprietários dos carnaubais e por arrendatários, sendo estes últimos, os responsáveis pela maior parte da produção. O arrendamento do carnaubal nativo, transação que envolve o arrendatário e o proprietário da terra, é feita mediante o aluguel das carnaubeiras, num valor prefixado pelo possível lucro da produção. Isto marca a primeira relação social do processo produtivo. Feito o arrendamento do carnaubal, o próximo passo é a formação da turma (classificação dada aos trabalhadores envolvidos diretamente no processo produtivo), seguindo uma hierarquia, composta: (pelo dono da turma : vareiro; fogueiro; desingachador; destalador; enfiador de palha e de olho; ajuntador; burreiro; e o rancheiro)<sup>23</sup>.

Composta a turma, com aproximadamente 25 componentes, dar-se o início da atividade extrativa, isso é claro, depois do ajustamento dos valores das diárias referente a cada função. O maior valor é pago ao encarregado, logo em seguida vem o vareiro, descendo conforme a hierarquia citada. Para que o trabalho chegue ao resultado desejado, a função de um completa a do outro, fazendo com que essa interação produtiva alcance seu ápice, que é a produção da cera. O trabalho no carnaubal é informal, pelo fato de ser uma atividade temporária. Desta maneira, os envolvidos no processo produtivo não tem nenhuma garantia

---

<sup>22</sup> CRUZ, Rogério. Sesquicentenário da cidade do Assu 1845-1995, p123.

<sup>23</sup> O encarregado determina o trabalho a ser praticado por todos; o vareiro tem a função de cortar a palha; o fogueiro cozinha o pó para transformado em cera; o desingachador retira a palha caída dos lugares de difícil acesso; o destalador corta o talo da palha; o enfiador de olho de palha enfia-os formando molhos para transportá-los nos burros; o burreiro transporta a palha até o estaleiro que é estendida ao sol pelo estendedor e o rancheiro é o responsável pela alimentação de todos.

trabalhista, quanto ao fundo de garantia, contas, seguro desemprego e assistência em caso de acidente no trabalho. Vale salientar que são comuns, acidentes provocados pelos espinhos dos talos da palha. O serviço não exige nenhuma especialização, pois só é necessária a força física de cada um, abrindo um parêntese apenas em relação ao vareiro e o foguista, dos quais é exigido um preparo maior, adquirido através do trabalho diário, e por ensinamentos prévios dados pela tradição oral.<sup>24</sup>

A rotina de trabalho começa na segunda e termina na sexta. A tarefa é árdua, pois se trabalha integralmente de sol a sol, usufruindo da sombra da própria carnaúba ou de outra árvore, apenas na hora das refeições (café da manhã e almoço). Reserva-se para estas o tempo de uma hora, utilizada para saciar a fome e ter um pequeno descanso para assim restabelecer as forças, que nesse trabalho é o principal instrumento. Este, aliado a rapidez é imprescindível, para desta forma atender a demanda.

Como na maioria das vezes o carnaubal era distante das casas dos trabalhadores, a noite a turma acomodava-se entre as carnaúbas, ou qualquer outro tipo de árvore da caatinga (juazeiro e oiticica). Armam suas redes ao relento, protegidos apenas pela tipóia (rede velha) do companheiro ao lado, para descansar da pesada labuta e retomar no dia seguinte as atividades. Semelhante a todas as outras atividades que visam produzir o máximo possível para suprir as necessidades das indústrias, como também o afã pelo lucro excessivo; a atividade extrativa da palha e produção da cera, são acometidas dos mesmos vícios das outras. Com isso exploram-se a mão de obra sem oferecer as mínimas condições de trabalho para as pessoas imbuídas desse serviço.

Os trabalhadores do carnaubal são obrigados a trabalhar pela necessidade de obterem, mesmo que seja explorado, o pouco para o seu sustento e de suas respectivas famílias. Assim sujeitam-se: a um trabalho desgastante; a um salário que varia de acordo com

---

<sup>24</sup> CRUZ, Rogério. Sesquicentenário da cidade do Assu 1845-1995. p. 122.



o preço da cera no mercado, que além de não ser muito, tende a ser pior ainda; a uma alimentação precária (bolacha com rapadura de manhã, feijão com toucinho e farinha no almoço e feijão com farinha e óleo na janta) e uma dependência excessiva aos arrendatários do carnaubal. Estes se aproveitando da necessidade de todos exercem certa autoridade sobre a coletividade, subordinando-a a seus interesses financeiros.

A dependência mais clássica da turma do carnaubal é a referente a alimentação, na qual o dono da turma, comum em toda equipe que trabalha com a extração de palha, é o proprietário da budegia (mercearia), na qual fornece, a preço acima do estabelecido pelo mercado, os itens "necessários" a sobrevivência do trabalhador e seus respectivos familiares. Como a venda é feita em sua totalidade a prazo, desconta-se o valor comprado no ordenado da semana; vale salientar que os operários da carnaúba recebem por semana. A dependência do trabalhador torna-se maior, quando a dívida com o dono da turma ultrapassa o valor do ordenado da semana, pois além de não receber nada, fica em débito e com a obrigação de trabalhar na semana seguinte para quitá-lo. Mas como tem que comprar novamente para satisfazer as necessidades básicas da família, prendem-se a uma dívida quase sem fim, trabalhando apenas para pagar a mercearia.

Terminando o corte da palha da carnaúba e os subseqüentes procedimentos, a palha é espalhada no estaleiro para secar ao sol e depois ir para a máquina de extração do pó. A palha é triturada, o pó vai para uma espécie de lona e o que sobra ficará no solo em pequenos montes, para depois ser espalhado e servir de adubo para fertilizar a terra (paú).

Vale ressaltar que no passado o trabalho de extração do pó e produção da cera era feito pelas famílias dos operários do carnaubal, onde mulheres e meninos se incumbiam dessa

atividade. Para isso utilizavam a trincha<sup>25</sup> para rasgar a palha e facilitar a batadura para a extração do pó e a prensa<sup>26</sup>, para produção de cera.

Completando o trabalho extrativo, realizado graças a interação dos envolvidos na atividade, acontece o beneficiamento da cera, feito pelo próprio arrendatário ou por pequenas usinas locais. Transformando o trabalho de semanas em cera, a mesma se encontra pronta para ser exportada e servir de matéria-prima para a produção dos mais variados itens utilizados pela população do mundo inteiro.

---

<sup>25</sup> aparelho rústico constituído de cavalete, em cujas extremidades existem facas em forma decrescente, onde eram rachadas as palhas.

<sup>26</sup> aparelho manual composto de duas peças que servem para comprimir a cera na fase de purificação. O uso desse objeto substitui a coagem em pano de algodão.

## 2 DECLÍNIO DA PRODUÇÃO EXTRATIVA DA CERA DE CARNAÚBA

A floresta de carnaúba compõe o cenário natural dos estados da Bahia, Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte. Os três últimos são responsáveis pela maior parte da produção da cera do Nordeste, onde 87% dessa produção se concentram no Ceará e Piauí, sendo o Rio Grande do Norte o terceiro maior produtor. Esses três estados possuem aproximadamente 25 indústrias de refinamento da cera, com capacidade de beneficiamento em torno de 35 mil toneladas/ano. No entanto, infelizmente essa produção tende a cair no decorrer dos anos, queda essa provocada pelo baixo valor da cera no mercado. Isso pode acontecer, em virtude da falta de organização dos produtores, refinadores e exportadores; como também pela falta de incentivos dos governos municipais, estadual e federal, que não se preocupam em desenvolver tecnologias visando ao desenvolvimento da cultura da carnaúba.

No Rio Grande do Norte os carnaubais se concentram nos vales dos rios Mossoró, Apodi e Açu. Neste último se encontra, apesar do desmatamento, a maior quantidade nativa de árvore do Estado e conseqüentemente a maior produção de cera. O vale do assu é composto pelos municípios de: São Rafael, Assu, Ipanguaçu, Carnaubais, Alto do Rodrigues e Pendências, sendo que os maiores produtores da cera de carnaúba são: Assu, Carnaubais e Ipanguaçu.

Se nos dois maiores produtores do nordeste existem perspectivas de melhores dias para a produção de cera, motivado por projetos de cunho governamental, no Rio Grande do Norte o descaso dos poderes públicos pode condenar a cultura da carnaúba a extinção. A falta de incentivo governamental e o desmatamento indiscriminado ameaçam a extinção da palmeira.

## 2.1 Breve histórico da trajetória extrativa da cera no Vale do Assu.

A produção da cera de carnaúba no Rio Grande do Norte, principalmente no vale do Assu, começa a adquirir importância depois da Primeira Guerra Mundial. Seu desenvolvimento é crescente, fazendo com que esse produto figura-se como o 2º lugar na exportação do Estado. Na década de quarenta, época em que acontecia a Segunda Guerra Mundial, a cera desponta como um produto de alto valor comercial, em virtude da sua utilização nas indústrias bélicas. Em 1942 um artigo do jornal *A República* assim afirmava:

Ocupando o 6º lugar no total das exportações brasileira, a cera terá o seu lugar ainda mais elevado em consequência da sua maior aplicação nas indústrias criada em virtude do conflito. Assim o governo do RN resolve adotar medidas que defendam e protejam o cultivo e a vida de tão valiosa palmeira.<sup>27</sup>

Assim, no decorrer do conflito a atividade extrativa da cera atinge seu ápice, pelo fato dessa matéria-prima ser utilizada em larga escala para a fabricação de isolantes,<sup>28</sup> provocando assim um desenvolvimento econômico na região, pois a medida que a guerra intensificava-se, a fabricação desse isolante aumentava, valorizando a cera aumentando mais ainda sua extração e produção, para desta forma atender a demanda provocada pelo seu uso na indústria internacional. O Vale do Assu viveu essa fase áurea, na qual a cera de carnaúba era uma riqueza para essa terra, gerando emprego e renda para a população e movimentando a economia dessa micro região. Para termos uma idéia do alto valor da cera, com uma arroba (15 KG) desse produto, de 1940 a 1955, de acordo com a informação de Jose Moraes, ex-comerciante da cera de carnaúba na cidade de Assu, comprava-se uma vaca. Se convertermos o valor desse animal em cifras atuais, tal quantidade do produto se converteria em mil reais.

<sup>27</sup> A REPÚBLICA, Natal, p.4, 5 mar 1942.

<sup>28</sup> - ALBUQUERQUE, Francisca Mirza Fonseca e CESTARO, Luis Antonio. Estudo comparativo das áreas de carnaubais no Baixo – Açu nos anos de 1966 a 1988. IN: ARANHA Terezinha de Queiroz. *Sesquicentenário da Cidade de Assu 1845-1995*. p. 205.

## 2.2 Antecedentes do declínio

A importância da cera de carnaúba, seu alto valor comercial e a geração de riqueza patrocinada por essa valiosa matéria-prima, garantiram ao Rio Grande do Norte e ao Nordeste brasileiro na década de 40, um lugar de destaque na economia brasileira. Isso estava acontecendo em virtude da cera de carnaúba ser a única cera vegetal com propriedades físicas e químicas, capaz de fornecer componentes adequados para a fabricação de diversos produtos industrializados. Mas, para a infelicidade dos produtores nordestinos da cera de carnaúba, em 1946 estava sendo produzida cera artificial em laboratório. O mercado brasileiro teve conhecimento da descoberta do sucedâneo da cera através de um relatório divulgado pelo Banco do Brasil em 1948. Otto Guerra em seu artigo "A crise da cera de carnaúba" expressa bem essa questão:

Foi achado o sucedâneo. Ou antes, existem vários produtos similares alcançados em laboratório. O relatório do Banco do Brasil a que nos referimos no artigo passado está muito bem informado a este respeito. Tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, estão sendo produzidos vários similares.<sup>29</sup>

Para termos uma idéia da gravidade desta descoberta, 81% da nossa cera original era exportada para os Estados Unidos e 11% para Inglaterra. Com a produção dos produtos sintéticos, as exportações para esses países caíram acentuadamente, como também a concorrência com esse sucedâneo causou a baixa do preço da cera no mercado. Em 1946, nos Estados Unidos já existiam dois similares da cera: A INTAWAY YELLOW E A INTAWAY ABER.<sup>30</sup>

Outra causa da desvalorização da cera foi a má qualidade do produto beneficiado pelos produtores, decorrente da forma rudimentar de produção e do adulteramento do produto

<sup>29</sup> GUERRA, Otto. A crise da cera de carnaúba. 55 anos de produção. Catalogo da seca, 1. Natal. 1946, Texto 049.

<sup>30</sup> GUERRA, Otto. A crise da cera de carnaúba.

por alguns produtores, que visando aumentar o peso da mercadoria e auferir mais lucro, enchia a cera de impurezas. Otto Guerra em seu artigo denuncia o adulteramento da cera:

Não é de hoje a dolorosa historia dos que procuram enganar os compradores desse produto, impingindo mercadorias de pior qualidade e, o que é mais grave deliberadamente viciadas em sua pureza. (...)

(...) precisamos sanca-lo afim de impor o nosso produto, sempre cada vez mais. Esta é uma das formas de enfrentar a crise em que nos debatemos, com relação a esse produto.<sup>31</sup>

Na época, os produtores de algodão e borracha, produtos em pauta nas exportações brasileiras, também utilizavam essas práticas fraudulentas, semelhante com o que estava acontecendo com a cera de carnaúba, tais atos desonestos fizeram com que os governos e particulares aumentassem a atenção, no intuito de descobrir e punir os culpados.

Portanto, o aparecimento de produtos sintéticos sucedâneos da cera e as fraudes ocorridas na sua produção, provocaram uma crise na atividade extrativa. Com a retração dos mercados foi preciso baratear o preço da cera original, para que esta pudesse manter um nível razoável de exportação, já que os preços obtidos em sua fase áurea caíam a cada ano que passava motivado pela concorrência dos produtos sintéticos. A partir desse momento, o preço e as exportações da cera oscilavam entre altos e baixos, se tornando uma atividade comercial instável, pois sua comercialização dependia da demanda e das e imprevisibilidades do mercado mundial. Contudo, o futuro reservava outros males para a atividade extrativa da cera, pondo em risco a extinção da árvore e sua produção.

### **2.3 Anos "80": A barragem do Assu como a principal causadora do declínio**

Apesar da concorrência dos sintéticos, a cera de carnaúba produzida no Vale do Assu, tinha uma produção satisfatória até o final da década de 70. Porém, com a construção da

<sup>31</sup> GUERRA, Otto. A crise da cera de carnaúba.

barragem Armando Ribeiro Gonçalves, a atividade extrativa começou a ter um declínio mais acentuado. A construção de uma barragem no Vale do Açu com a finalidade de perenizar o rio Açu-Piranhas já era bastante debatido em 1950.<sup>32</sup> Em 1975 já se especulava a construção desse reservatório na área onde ela realmente foi construída. Dois anos depois, técnicos do DNOCS, através do I simpósio de desenvolvimento do Vale do Açu, falam dos procedimentos a serem tomados na realização dessa grandiosa obra: tal empreendimento acarretaria: a destruição do município de São Rafael; erradicação de uma grande área carnaúba, submergida pelas águas da barragem e a hipótese das duas maiores lagoas da região (Piató e Ponta Grande),<sup>33</sup> secarem, em virtude da contenção da água por esse enorme açude.<sup>34</sup> Essas repercussões negativas preocupavam a população do vale, fazendo com que vários grupos sociais: Igreja, proprietários, autoridades municipais, sindicatos e confederações de trabalhadores rurais protestassem e reivindicassem a realização de um projeto que não trouxesse prejuízo para a população como também não submergisse as riquezas naturais existentes na região.<sup>35</sup>

Os protestos para que fosse feita uma revisão no projeto para construção da barragem não surtiu efeito, pois em junho de 1979 é autorizado o início das obras, que seria feita pela construtora Andrade Gutierrez, frustrando as pretensões de todos. Vale ressaltar que a perenização do rio Açu surgiu dentro do objetivo do governo federal em integrar o Nordeste aos padrões de desenvolvimento do Centro-Sul. A barragem é inaugurada em 1983 cobrindo milhares de pés de carnaúba, causando uma grande redução na produção de cera no vale do Assu. Diante disto, pergunta-se: será que essa obra pública, realizada com a finalidade de

<sup>32</sup> -GUERRA, Otto. Biobibliografia e uma visão do semi-árido.: compilação Terezinha de Queiros Aranha-Brasília: Senado Federal, 1991. p.36.

<sup>33</sup> A lagoa de Piató fica a margem esquerda do rio Assu e tem uma extensão de 18 KM com um volume de 96 milhões de m<sup>3</sup>, considerada uma das lagoas mais piscosas do RN e submetida a intensa exploração pesqueira. A lagoa de Ponta Grande está situada a margem direita do rio Assu no município de Ipanguaçu e constitui uma riqueza para os distritos subjacentes a ela.

<sup>34</sup> ARANHA, Terezinha de Queiros. Sesquicentenário da cidade de Assu 1845 – 1995, p.13

<sup>35</sup> Ibid. p.14.

atender as necessidades da população ribeirinha, evitando suas migrações e fixando o homem na terra, com sua concretização atendeu aos anseios sociais?

Antes de tentar responder a essa pergunta, é pertinente citar dois artigos de Otto Guerra sobre o que seria a verdadeira utilidade dos grandes açudes:

1-Açude é garantia de alimentação farta, sadia, evitando as penosas retiradas e as doenças de carência. Mais ainda é a semente de vilas e cidades garantindo a fixação operosa do homem a terra.

2- Não basta juntar água, por mais importante que isso seja. É preciso olhar mais longe e mais alto. Ver o homem no centro de tudo, sobretudo os pequenos, sem terra, sem preparo adequado, permanentemente marginalizados.<sup>36</sup>

Levando em consideração esses artigos e respondendo a pergunta, observa-se que a Armando Ribeiro Gonçalves contrariou todas as expectativas. O rio Piranhas-Assu realmente foi perenizado e deu subsídios para o projeto de irrigação, mas ao invés de fixar, afastou o homem da terra expropriando-os das mesmas, para assim ceder espaço as agroindústrias. De acordo com Moema de Andrade.

A atitude permissiva do DNOCS, no tocante a instalação dos grupos privados no Vale do Baixo - Açú, pode ser considerada uma estratégia de viabilização de seu objetivo de integração do semi-árido nordestino ao modelo de acumulação nacional.<sup>37</sup>

Isso mostra mais uma vez que o estado do Rio Grande do Norte implementa certas obras públicas em prol dos interesses das classes economicamente hegemônicas, centrando-se no processo de acumulação nacional de capital, e não no beneficiamento do coletivo visando ao

<sup>36</sup> GUERRA, Otto. *Tragédia e epopéia de nordeste*. (artigos publicados em jornais do RN, 1948/53), Natal, UFRN-FUNPEQ. Pro - Reitoria de Pós Graduação. Cooperativa Cultural Universitária do RN- clima, 1983, p. 18

<sup>37</sup> PINHEIRO, Moema de Andrade. O papel de estado e os atores sociais na política de irrigação- o caso do Baixo - Açú no RN.IN: A RANHA. Terezinha de Queiroz *Sesquicentenário da cidade de Assu 1845-1995*, p. 153



social. Com isso, conforme afirma Carlany, “a construção da barragem foi mais uma forma de viabilizar e reproduzir a acumulação de capital em favor de grupos empresariais”.<sup>38</sup>

### 2.3.1 A instalação das agroindústrias e a derrubada dos carnaubais

Com a inauguração da Barragem em 1983, foram inauguradas também perspectivas alimentadas pelas promessas de um projeto de colonização para pequenos irrigantes e a tão sonhada solução para a fome. Tudo isso, para a infelicidade geral dos que esperavam melhorias com a concretização dessa grandiosa obra, não aconteceu. Segundo Norma:

Grandes projetos hídricos destinados a regularização dos rios para fins de irrigação tendem a alterar a dinâmica fundiária e produtiva da região em que se encerram, provocando impactos econômicos e ambientais, no mais das vezes, irreversíveis.<sup>39</sup>

A irrigação do Baixo - Açú, que começa na cidade de Assu e se prolonga até Pendências, tinha o interesse, embora isso não fosse passado ao público, de ver essa região desenvolvida a partir das instalações de empresas do Centro-Sul para atender os interesses de pequenos grupos empresariais, como forma de retribuir “pequenos” favores dessa elite, que na maioria das vezes financiam a campanha desses agentes públicos, que conseguem chegar ao tão almejado poder.

Além da grande quantidade de carnaúba submergida pelas águas da barragem em 1984 iniciou-se a derrubada de carnaúba para o plantio de culturas irrigadas. Este episódio provocou o declínio na produção da cera que declinável de forma acentuada desde 1983 caía mais ainda.

<sup>38</sup> BEZERRA, Carlany Miranda Pinheiro. A dinâmica da produção e distribuição da cera de Carnaúba no Vale do Açú. Natal: UFRN, 1993, p. 18.

<sup>39</sup> VALENCIO, Norma Feliciano Lopes da Silva. Impactos sócio - econômicos e ambientais decorrentes de grandes projetos hídricos no nordeste: o caso dom projeto Baixo Açú RN. IN: ARANHA, Terezinha de Queiroz. *Sesquicentenário da Cidade de Assu 1845-1995*. p. 189.

Em 1985 a Finobrasa, empresa pertencente ao grupo Vicunha instale-se no Vale, especificamente no território pertencente a cidade de Ipanguaçu. A agroindústria ocupou uma área de aproximadamente 5.400 ha utilizada para o cultivo de algodão Herbáceo, irrigado por aspersão. Isso implicava em mais carnaúbas a serem derrubadas. Norma afirma que:

As empresas compravam grandes quantidades de terras afim de estoca-la, para assim permitir a expansão quando houvesse contaminado ou erodido parte da propriedade, abandonando o solo sem preocupações de recomposição ambiental.<sup>40</sup>

Com isso a produção da cera diminuía e acontecia a transferência da mão de obra da atividade extrativa para essas empresas agrícolas. Esse fato marca uma transição de uma economia extrativa para outra de base empresarial, devido às suas características inerentes composta de produtos emergentes, mais rentáveis e mais atrativos para o lucro capitalista.

No final da década de 80 a cultura do algodão irrigado entra em declínio em decorrência da praga do bicudo, desvalorizando o produto produzido nessa região.<sup>41</sup> Ademais nessa época emergiram outros tipos de cultura, como: o melão, a uva, o mamão, o maracujá, a acerola, cultura agrícola de lucro imediato para os capitais que ali se estalaram.

As empresas instaladas no Vale do Assu para realização da fruticultura irrigada com tecnologia de ponta para plantação de culturas agrícolas consideradas nobres, foram: a Frunorte, a Agroknoll LTDA, a Agrovale, a Tropik LTDA, A Veneza LTDA, Leônidas Junior e Nasa.<sup>42</sup> todas são responsáveis pela quase dizimação da mata nativa, na qual a carnaúba considera mata ciliar, que ocupava 72 Km que vai de Assu até Macau, foi e esta sendo exterminada.

Com o extermínio do carnaubal, acaba-se também uma fonte de renda complementar de subsistência do pequeno produtor rural. Antes desta devastação o vale do Assu produzia

<sup>40</sup> VALENCIO, Norma Feliciano Lopes da Silva. Sesquicentenário da Cidade de Assu 1845-1995. p. 193.

<sup>41</sup> SANTANA, Lindaura Maria de. Poder publico exclusão social e o surgimento do modelo agro empresarial privado no vale do Açu (1975/1990). Material datilografado.

<sup>42</sup> PINHEIRO, Moema de Andrade. Sesquicentenário da cidade de Assu 1845-1995, p. 139.

700 toneladas de cera de carnaúba, dando emprego a mais ou menos 50 mil pessoas. Com a concentração dessas empresas no Vale do Assu e o desmatamento indiscriminado dos carnaubais, a cultura da carnaúba torna-se inviável do ponto de vista econômico, pois com a diminuição da floresta dessa palmeira, diminui a produção da cera, que junto com seu baixo valor no mercado, torna-se pouco rentável para o produtor e comerciante desse utilíssimo produto. Esse fato causa o fechamento de pequenas usinas que elaboravam a cera, e conseqüentemente algumas casas comerciais exportadoras.

Para termos uma idéia do tamanho da devastação provocada pela fruticultura irrigada, no ano de 1966 o Vale do Assu tinha uma área de 447 KM<sup>2</sup> ocupada por carnaubais, no entanto em 1988 restava apenas 49% desse total,<sup>43</sup> demonstrando o grande desmatamento provocado pelas instalações dessas empresas agrícolas. Essas foram instaladas na região sem levar em consideração os impactos sócio-ambientais, pois o Estado visando somente divisas, esqueceu de fazer uma avaliação do ecossistema e desprezou o sentido social, político e humanitário dos grandes empreendimentos, dando total liberdade para que as agroindústrias implementassem a agricultura moderna sem se preocupar com o meio ambiente e a população do vale. O projeto Baixo- Açu representou uma certa noção de progresso que se nutriu das desmontagem da dinâmica sócio ambiental preexistente no campo.

Este tipo de agricultura empresarial, preocupada apenas com o lucro de suas exportações (a produção dessas empresas são destinadas ao mercado externo), está transformando a flora do vale do Assu. Isso decorre em conseqüência da devastação da Caatinga, provocada pelo uso inadequado de agrotóxicos que envenenam e poluem os rios, causando desequilíbrios ecológicos.

---

<sup>43</sup> ALBUQUERQUE, Francisca Mirza Fonseca e CESTARO, Luis Antonio. **Sesquicentenário da Cidade de Assu 1845-1995**, p. 208.

A implantação dessas empresas, atraídas para o Vale do Assu depois da irrigação patrocinada pela perenização do Piranhas-Assu em virtude da construção da barragem, trouxe um certo progresso a região, mas o desenvolvimento não foi sustentável, pelo fato deste, está causando danos a natureza e conseqüentemente a população. Não podemos nos esquecer também da derrubadas de nossos carnaubais, prática criminosa dessas empresas para dar lugar a produtos de valor comercial imediatista, substituindo o comércio da cera de carnaúba, quando esta se constitui em sumos para tantos ramos da atividade, inclusive informática. Isso provoca o desaparecimento da complementaridade no uso da força de trabalho, e os trabalhadores temporários tem limitadas condições de sobrevivência na entre safra da fruticultura.

### 3 DÉCADA DE 1990 E INICIO DO SÉCULO XXI: CONTINUAÇÃO DO DECLÍNIO E AS CONSEQUÊNCIAS DA POSSÍVEL EXTINÇÃO DA CARNAÚBA

A última década do século XX é marcada por uma série de mudanças, que leva o Vale do Açu para uma nova fase. A economia e conseqüentemente a cultura da carnaúba começaram a se transformar a partir das inovações no setor agrícola, patrocinada pelas multinacionais. A cultura extrativa que antes predominava, está concorrendo com uma cultura agrícola irrigada. Esse acontecimento que hoje é comum no semi-árido é caracterizado nas palavras de Valdemar e Heitor:

Essa diversidade natural comporta práticas de manejo do território marcadas por relações sociais arcaicas e modernas, incluídas e excluídas; por atividades econômicas tradicionais de pouca inserção no mercado, com baixo uso de tecnologia em contraste com setores de ponta, oriundos da agricultura irrigada.<sup>44</sup>

Enquanto a extração da palha e produção da cera de carnaúba declinam gradativamente, a fruticultura tem acentuado crescimento a cada ano que passa. A paisagem composta pelos carnaubais dá lugar a plantação de acerola, melão, manga, uva e posteriormente banana.

Esse ambiente econômico e social antes marcado por uma economia baseada no extrativismo do sal, do barro e principalmente da carnaúba, tem agora, a partir de um novo contexto, a formação de uma agricultura com a exploração técnica das terras ali existentes, calcadas numa economia de base empresarial.

---

<sup>44</sup> RODRIGUES, Valdemar <sup>MARALLO</sup> JUNIOR, Heitor <sup>fil. do trab. ? J.M., SIMP...</sup> Marallo. Simpósio brasileiro sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável do semi-árido. Mossoró: 23 a 25 de Agosto de 2000. realizado pela UERN. P.319

### 3.1 Mais multinacionais, aumento da devastação e diminuição da produção da cera.

Mesmo concorrendo com produtos de maior viabilidade econômica, como as frutas cultivadas através da grande irrigação no Vale do Açu, a atividade extrativa da cera apesar do contínuo declínio, na década de 90 ainda contribuía com uma parcela significativa para a economia do Vale. A constante diminuição da produção da cera em decorrência da derrubada das árvores para o plantio das ditas culturas nobres, não afeta de imediato a atividade, pelo fato da cera ainda ter um preço satisfatório no mercado. Manoel Morais, comerciante da cera, fazendo um paralelo com a atual situação do preço da cera no mercado (hoje a arroba de cera custa R\$ 38,00), afirma que: "em 1994, no início do plano real, a arroba da cera arenosa (cera tipo 4 que corresponde a 85% da produção do Vale) custava R\$ 90,00."<sup>45</sup> Em 1995 o mesmo tipo de cera tem uma variação de preço por arroba, de R\$ 100,00 a R\$ 120,00. Diante disto, Francisco Sales, arrendatário da carnaúba e produtor da cera, diz que: "para mim 1995 foi bom, produzia bem e o preço estava bom."<sup>46</sup> O preço da cera no mercado e a possível rentabilidade que ela proporcionava a seus produtores, fazia com que esta atividade ainda se constituísse em uma fonte alternativa de renda para a população do Vale. Terezinha Aranha frisa bem esta questão, quando diz que:

A exploração da carnaubeira continua sendo uma atividade de fundamental importância econômica e social no Vale do Açu. Apesar da devastação ocorrida a partir dos anos 80, a extração da cera de carnaúba, continua gerando emprego e renda para vários grupos sociais e em particular, para todos os componentes das famílias que se dedicam a essa atividade.<sup>46</sup>



<sup>45</sup> Entrevista feita pelo autor <sup>com o</sup> gerente da MIASSU Manoel de Morais, em 31 de outubro de 2005

<sup>46</sup> Entrevista feita pelo autor <sup>com o</sup> arrendatário de carnaúba Francisco Sales, em 01 de novembro de 2005

A atividade extrativa da carnaúba mesmo concorrendo com a tecnologia de ponta da fruticultura irrigada continuava resistindo, em meio a agricultura predatória, é diante do pouco carnaubal existente no Vale do Açu.

A partir da segunda metade da década de 90, a produção da cera de carnaúba da região cai assustadoramente (em 1996 verifica-se uma queda de quase 80% na produção). Salientar-se que em 1995 a micro região produziu 192 toneladas da cera e no seguinte produziu 39 toneladas. Mesmo com constante declínio verificado desde a década de 80, nunca se tinha visto uma queda tão acentuada de um ano para o outro na produção de cera. (veja estatística da produção de cera do Vale do Açu de 1990 a 2003)

#### Produção da cera de carnaúba do Vale do Açu: 1990-2003

*padronizar o quadro*

1990	1.175 T	1997	34 T
1991	747 T	1998	32 T
1992	593 T	1999	36 T
1993	344 T	2000	31 T
1994	253 T	2001	69 T
1995	192 T	2002	68 T
1996	39 T	2003	82 T

Fonte: IBGE

A derrubada constante da carnaúba e a transferência dos trabalhadores dessa atividade para as empresas de fruticultura, juntamente com a queda do preço da cera no mercado, promovem essa crise na extração da palha para a produção da cera, que perdura até hoje.

A vinda de mais duas multinacionais ligadas a fruticultura no final da década de 90 para o Vale, contribuiu para acentuar a cultura extrativa da carnaúba. A instalação da Directivos Agrícola e da Delmonte no Município de Ipanguaçu patrocinou a derrubada de mais uma vasta área de carnaubal. Essa área composta por uma grande floresta de carnaúba, foi devastada para nela se plantar bananas (nova cultura para exportação). O desmatamento foi feito sem nenhuma restrição imposta pelos municípios afetados, e aos olhos dos fiscais do

Instituto Brasileiro de "Apoio ao Meio Ambiente" (IBAMA). Esta instituição pública utiliza dois pesos e duas medidas nas suas ações fiscalizadoras, enquanto pune pessoas da região que caça arribação para a sua subsistência, faz vista grossa com a derrubada indiscriminada da árvore, feita pelas multinacionais instaladas no Vale do Açu. Esse crime pode causar em um futuro não muito distante a extinção da carnaúba. Manoel de Moraes, perguntado se a derrubada da carnaúba poderia ter sido evitada, respondeu da seguinte forma:

Se tivesse uma política pública forte do governo, isso poderia ter sido evitado, porque pra deixar a carnaúba, basta derrubar só 10% do que eles derrubaram. Você começando de Ipanguaçu no outro lado até pendências não se vê carnaúbal, foi tudo derrubado, só se vê bananeira.<sup>47</sup>

A informação de Manoel Moraes é pertinente, pois viajando pela RN 118, rodovia que liga a BR-304 aos municípios de Ipanguaçu, Alto do Rodrigues, Pendências e Macau, que fica ao lado direito do rio Açu, comprovei que existem grandes lacunas deixada pelo desmatamento

Diante desta situação, a engenheira química, Andréa Lessa professora do Curso de Tecnologia Ambiental da CEFET-RN, que trava uma árdua luta para a preservação da carnaúba, denunciou a devastação promovida pela Delmonte, maior produtora de banana da região. Segundo a engenheira, a área que está sendo derrubada é de quase 300 hectares da vegetação de caatinga do Vale do Açu, que corresponde aproximadamente a área da cidade do Assu. Indignada com esse crime, a professora desabafa:

Esta empresa não pensa duas vezes quando o assunto é expandir suas áreas de produção de bananas, sai devastando o que tiver de carnaúba pela frente, sem nem se quer preservar a reserva legal 20% e a mata ciliar (a vegetação as margens de rios), que é previsto pelas leis ambientais.<sup>48</sup>

<sup>47</sup> Entrevista feita pelo autor <sup>com</sup> Manoel Moraes comerciante da cera de carnaúba.

<sup>48</sup> PROFESSORA Denuncia devastação. Jornal de Hoje, Natal, p, 9, 2 set.2005



Andréa Lessa diz, que resta apenas 10 ou 15% da mata nativa da carnaúba e que fiscais do IBAMA libera autorizações sem utilizar nenhum critério técnico; “deixando a suspeita que haja dentro da instituição, um máfia que libera licenças ambientais de forma irregular,”<sup>49</sup> prática que virou moda nas instituições públicas. A ambientalista, que é integrante da organização não governamental “Valer” da cidade do Assu, preocupada com as consequências que esse desmatamento pode causar a região, ressalta”:

Pretendemos trazer imprensa nacional e até internacional para ver esse crime, esse terrível crime, cometido contra a população do Assu, pois vai chegar um ponto que nossos filhos e nossos netos não vão saber nem o que é uma carnaúba, porque não vai ficar nenhuma carnaúba, pelo que agente está vendo diante da atitude dessa empresa.<sup>50</sup>

Para agravar mais ainda a situação da atividade extrativa da cera no Vale do Açu, o baixo valor da cera no mercado ameaça o trabalho extrativo, pois o ordenado dos trabalhadores do corte de palha é estipulado de acordo com a cotação da matéria prima no mercado. Desta forma, se a cera é vendida por um preço satisfatório, seu alto valor proporciona melhores salários aos envolvidos na atividade, mas com a atual desvalorização internacional da cera, provocada pela queda do dólar, torna-se impossível pagar um salário digno, por esse trabalho bastante pesado. A transferência dos trabalhadores da carnaúba para as agroexportadoras, o diminuto ordenado oferecido para o duro trabalho do corte de palha e o gradativo desaparecimento do vareiro, profissional mais relevante do extrativismo da carnaúba, pode causar a extinção da cultura extrativa, pois a cada ano que passa fica mais difícil arregimentar operários para essa secular atividade. Diante desta situação lastimável, Francisco Sales, preocupado com essa triste realidade, assim declara:

<sup>49</sup> PROFESSORA Denuncia devastação. Jornal de Hoje, Natal, p, 9, 2 set.2005

<sup>50</sup> Ibidem. p, 9.

O ganho está sendo muito pouco, pois agente não pode pagar mais, porque a cera não tem preço que dê para pagar um salário mais justo, é um serviço muito pesado, e para ganhar pouco o pessoal não vai. Antes existia uma grande quantidade de cortadores de palha, e quando o preço da cera era bom, incentivava o aparecimento de mais vareiro. O enfiador de palhar junto com o aparador de palha, na hora do lanche ou do almoço estava treinando para aprender a profissão, mas daqui a um certo tempo isso vai acabar, agente não vai ter o cortador de palha, porque vão envelhecendo, e os mais novos não estão aprendendo a profissão, estou vendo a hora isso acabar, estamos na UTI, a beira da morte.<sup>51</sup>

É comovente ouvir isto de uma pessoa, que viveu e vive ainda de uma atividade econômica que no passado enriqueceu arrendatários e comerciantes, e que hoje só oferece o suficiente para as necessidades básicas da família. Este fato está acontecendo diante da negligência e omissão do Estado que não cria uma política de proteção e incentivo a atividade extrativa da carnaúba. Para dar início a recuperação da atividade extrativa, o primeiro passo seria criar a política de preço mínimo, como forma de estancar a contínua desvalorização da cera no mercado. Preocupado com a situação da cera no mercado interno, Manoel Morais opina sobre a seguinte solução:

O governo deveria abrir um preço mínimo para a compra do produto, porque hoje o comprador diz, rapaz eu só compro a sua cera quarenta reais, e se tivesse o preço mínimo de quarenta e dois reais, nós só vendíamos a cera ao governo, que estocava, como era antigamente.<sup>52</sup>

Dessa forma, essa possível solução manteria o preço da cera estável, e dava um fôlego a mais aos produtores locais, que sofre com a falta de expectativa para esse produto, comprado por um preço que não corresponde a seu excelentíssimo valor. O economista Rogério Cruz, utilizando-se de uma teoria técnica, confirma a solução cogitada acima pelo comerciante:

<sup>51</sup> entrevista feita pelo autor a Francisco Sales

<sup>52</sup> entrevista feita pelo autor ao comerciante de cera Manoel Morais

É justificável uma política de garantia de preços mínimos para regular a oferta, criar expectativas de garantias de rentabilidade, reduzir riscos, estimular a existências do setor, e garantir o abastecimento do produto.<sup>53</sup>

### 3.2 A extinção da carnaúba pode provocar a degradação do meio ambiente e o desaparecimento de uma cultura

A derrubada indiscriminada da palmeira, a constante queda do preço da cera no mercado, a inércia dos poderes públicos em relação a cultura da carnaúba, que não promove meios de incentivar e dar subsídios para o desenvolvimento da atividade extrativa, provocará em futuro próximo, problemas no âmbito socioeconômico e ambiental. A extinção da carnaúba, árvore nativa da flora nordestina, principalmente no Vale do Açu, causará danos quase irreparáveis à natureza. A carnaúba que nas palavras de Dario, “protege o lençol freático e equilibra a salinidade do solo”,<sup>54</sup> se for exterminada, além de provocar o aumento da temperatura e agravar mais ainda a escassez de chuva numa região que tem oito meses de estiagem por ano, provocará a desertificação que em virtude do desmatamento se torna uma ameaça constante ao semi-árido nordestino. Valdemar e Heitor cita as conseqüências dessa desertificação:

Os impactos ambientais podem ser visualizados através da destruição da biodiversidade (flora e fauna), da diminuição da disponibilidade dos recursos hídricos, através do assoreamento dos rios e reservatórios e da perda física e química dos solos. Todos esses fatores reduzem a capacidade produtiva da terra, diminuindo a produtividade agrícola, e, portanto impactando as populações.<sup>55</sup>

<sup>53</sup> CRUZ, Rogério. Sesquicentenario da cidade do Assu 1845-1995 p.229

<sup>54</sup> entrevista feita pelo o autor a Dario, fundador e responsável pela a ONG carnaúba viva em 01 de novembro de 2005

<sup>55</sup> RODRIGUES, Valdemar; JUNIOR, Heitor. II Simpósio brasileiro sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável do semi-árido.p. 320

A degradação do ambiente acarretará também em perdas econômicas e prejuízos socioculturais. Econômico, porque o governo gastará milhões para a recuperação do solo, que levará décadas, pois a criação de uma nova floresta de carnaúba só é possível em longo prazo. Sociocultural, pelo fato de acabar com uma fonte alternativa de renda e a complementaridade oferecida pela palmeira no período da seca, (isto relacionado à extração da palha para a produção do pó e da cera), e de uma atividade cultural permanente que é o artesanato feito através da palha da carnaúba, impossibilitando a sobrevivência de milhares de pessoas, que retira da carnaúba o necessário para atender as necessidades básicas da família. Francisco Sales, diante da situação em que se encontra a atividade extrativa, assim se expressa:

O que me faz permanecer na atividade é a tradição é a raiz, isso com o tempo se torna um vício e agente não sai. Tenho minha maquinazinha, minha usinazinha, isso eu não quero deixar parado mesmo com o prejuízo. Já ganhei muito dinheiro, mas agora estou perdendo, pelo fato da cera não ter mais valor. É um ramo que agente aprende a gostar, é minha vida, é meu sustento. Está difícil, mas dá para minha alimentação, vivo disso foi o que eu aprendi, não tenho outro meio. Se isso acabar me acaba também.<sup>56</sup>

Sendo assim, é possível imaginar o problema social criado com a extinção dos carnaubais e o fim da produção da cera na região. Com essa tragédia acaba-se uma história, uma cultura calcada na vida do sertanejo que já sofreu e ainda sofre com as longas estiagens, mas que vê um pingão de esperança na alternativa promovida pela árvore da vida.

---

<sup>56</sup> entrevista feita pelo autor Francisco Sales em 31 de outubro de 2005

### 3.3 Organizações e Cooperativas surgem com luz no fim do túnel.

Na ausência de políticas públicas que tenham o comprometimento de preservar a palmeira e incentivar sua tradicional cultura, que constitui-se em fonte de renda para milhares de pessoas que participam da produção da cera de carnaúba, e do artesanato de sua palha; organizações e cooperativas são fundadas com o intuito de conscientizar e divulgar o valor da carnaúba para a população do Vale do Açu. Esta árvore é valiosa tanto do ponto de vista econômico, quanto do ponto de vista ambiental e cultural. Econômico, porque a carnaúba produz uma cera de vasta utilização industrial, e não tem seu devido valor reconhecido, justamente pela falta de incentivos governamental; ambiental, pelo fato dessa palmeira constituir-se em mata nativa e ciliar dessa região e contribuir para o equilíbrio ecológico, e por fim, cultural, pois de sua palha se faz os mais variados produtos artesanais, que são característicos do sertão nordestino. Este artesanato também está relacionado no rol das atividades econômicas da região.

Com o interesse de mostrar a população e aos poderes públicos o valor da carnaúba, e trazê-los para a luta em prol dessa utilíssima e maravilhosa palmeira, cooperativas, fundações e organizações não governamentais são fundadas no Vale do Açu, e estão fazendo um ótimo trabalho de conscientização e valorização dessa espécie endêmica do semi-árido nordestino.

A COVALE (Cooperativa artesanal do Vale do Açu), com o apoio da Prefeitura Municipal de Carnaubais, Secretaria do Trabalho e Ação Social do Rio Grande do Norte, e o Núcleo Temático da seca da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, lança um projeto de assentamento extrativista para o município de Carnaubais. Esse projeto se justifica, pois, pela viabilização da sobrevivência da população mais carente que utiliza o artesanato da palha

de carnaúba que emprega mais de 480 artesãs, e pela preservação da mata ciliar da carnaúba, afim de evitar desequilíbrios no agroecossistemas.

A Fundação Felix Rodrigues que tem como lema: compromisso com o Vale do Açu, foi criada em 1998 no município de Pendências, com o objetivo de promover ações socioculturais. Essa Fundação iniciou no ano de 2000, uma experiência de produção de papel artesanal, a partir da fibra da carnaúba, em parceria com professores e alunos do programa de pós-graduação em química da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, treina pessoas nessa área. Desta forma, a Fundação Felix Rodrigues pretende, com a experiência, estimular novas práticas de utilização econômica da carnaúba na perspectiva sustentável de valorização e manejo adequado dos recursos naturais.

Tanto a Covale quanto a Fundação Felix Rodrigues, conta com o apoio da professora Terezinha de Queiros Aranha, fundadora do Núcleo Temático da Seca. Natural do Vale do Açu, sempre preocupada com os problemas que afetam essa região, principalmente a ameaça da extinção da carnaúba e de sua respectiva atividade extrativa, vem realizando a décadas, um belíssimo trabalho que pode ser encontrado no arquivo baixo Açu, pertencente ao Núcleo Temático da Seca, no Departamento de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Outro trabalho de grande relevância, está sendo feito pela Organização Potiguar de Artecultura, Desporto e Meio Ambiente, cujo nome fantasia é Carnaúba viva. Esta, faz um trabalho de conscientização e valorização da carnaúba, divulga e comercializa o artesanato da palha dessa utilíssima palmeira, atividade que só nessa organização emprega em torno de cem artesãs. A ONG foi idealizada e fundada em 2003 por Dario Gaspar Nepomuceno e sua esposa, que juntos com alguns amigos estão fazendo um trabalho de suma importância, abrindo assim precedentes para que outros apareçam com o intuito de proteger a palmeira e o

tradicional extrativismo da carnaúba e denunciar as práticas predatórias patrocinadas pelas empresas agrícolas instaladas no Vale do Açu, como fez Andréa Lessa.

Outro projeto que confirma mais ainda o grande valor da carnaúba e seus subprodutos, foi idealizado e concretizado pelo técnico da Petrobrás João Batista Dantas, que teve a idéia de substituir o revestimento de alumínio dos dutos de vapor da Petrobrás pela esteira da carnaúba. Desta forma os trabalhos em prol dessa árvore atingem um patamar mais alto, que foi mostrar a estatal às inúmeras utilidades da carnaubeira, e a partir dessa descoberta trazer a empresa do petróleo para engajar a nossa luta em favor da árvore, que é a identidade do sertanejo do Vale.

Espero que estes trabalhos surtam o efeito desejado e que os produtores e comerciantes da cera de carnaúba se organizem, formem cooperativas e não fiquem de mãos atadas vendo a cultura da carnaúba acabar. Portanto, é imprescindível que todos entrem na luta e que as prefeituras do vale do Açu juntamente com o governo do Estado, saiam da inércia e tomem as devidas providências, impondo restrições as agroindústrias, para que estas contribuam para o desenvolvimento da região sem agredir de forma criminosa a natureza, e assim evitar a destruição de uma floresta nativa, e os conseqüentes problemas referentes a essa destruição.

## CONCLUSÃO



A carnaúba, árvore endêmica do semi-árido nordestino que predomina na vegetação do Vale do Açu, vem sofrendo ao longo dos anos a predação criminosa dos homens. Palmeira de fundamental importância para essa região e para os lugares onde ela se constitui em cenário natural colabora para o equilíbrio do meio ambiente dessas regiões e dar a sua população, principalmente rural, suporte básico de sobrevivência.

A árvore da vida, designação realmente pertinente as suas múltiplas utilidades, proporciona ao sertanejo o necessário para a subsistência numa região castigada por longas estiagens. A palmeira além de oferecer, a partir de seu caule, material de vasta utilização no campo, tem em sua folha, que serve para fazer uma série de produtos artesanais, um pó que produz uma cera, bastante utilizada para a fabricação de produtos consumidos pelo o mundo inteiro. Essa matéria prima fez nascer uma atividade, que movimentou de forma satisfatória a economia do Vale do Açu, dando aos habitantes deste, trabalho e renda para atender as necessidades de todos.

Numa relação socioprodutiva produtiva peculiar a essa atividade extrativa, produz uma preciosidade vegetal que na sua fase áurea enriqueceu proprietários e arrendatários de carnaúbal, e que hoje, devido às péssimas circunstâncias, dá a estes só o imprescindível para atender as necessidades básicas da família.

A atividade extrativa da carnaúba passa por uma crise, que começou a se desenhar a partir da inauguração da barragem Armando Ribeiro Gonçalves em 1983, feita com o intuito de evitar as enchentes e perenizar o rio Piranhas Açu para promover a irrigação e fixar na terra o colono varzeano, na verdade deu subsídio para que grandes empresas se instalasse no Vale do Açu para promover a fruticultura irrigada para a exportação, concretizado os anseios do



DNOCS, que era integrar o semi-árido nordestino aos padrões econômicos do centro-sul do Brasil. Isso feito sem analisar os impactos que o estabelecimento dessas empresas, poderia causar a população e ao meio ambiente, pois para a realização de uma agricultura irrigada e tecnificada voltada para culturas nobres de lucro imediato, foi "preciso" derrubar milhares de pés de carnaúba para dar lugar a essa fruticultura.

O impacto para a natureza e para a população, principalmente rural, não foi observado de imediato, mas com o passar do tempo com a vinda de mais multinacionais, o problema começou a aparecer com mais nitidez: a atividade extrativa começou a declinar constante e acentuadamente, devido a concorrência bastante desigual com essas agroexportadoras; o desmatamento da carnaúba ameaça levar a palmeira a extinção e conseqüentemente o assoreamento do rio piranhas-açu já castigado pelos produtos tóxicos despejados em suas margens por essas empresas e um desequilíbrio ecológico provocado pelo desrespeito a natureza.

Para mudar esse preocupante problema que assola essa micro região, a solução seria a implementação de políticas públicas de proteção a carnaúba, árvore de suma importância para biodiversidade, como também para o povo do Vale. Além do incentivo governamental seria necessária a colaboração do IBAMA, que atualmente não faz jus a sua verdadeira atribuição. Mas, pessoas conscientes do grande valor da carnaúba e do artesanato de sua palha, estão fazendo um trabalho de conscientização, valorização e divulgação, com o intuito de preservar a árvore e sua cultura ameaçada de extinção, trazer mais gente para a luta e assim evitar o desaparecimento dos carnaubais e de uma atividade que é meio de vida de milhares de sertanejos do Vale do Açu.

## FONTES

GUERRA, Otto. A crise da cera da carnaúba. 55 anos de produção. Catálogo da seca, 1. Natal: 1946. Texto 049

PROFESSORA denuncia devastação. Jornal de Hoje, Natal, p. 9, 2 set. 2005-12-05

Entrevista com Manoel Morais de Oliveira. Gerente da empresa J.Machlmann. Agentes do comércio exterior limitada, concedida ao autor. Assu 31 out. 2005.

Entrevista com Francisco Sales da Fonseca, Arrendatário e produtor de cera de Carnaúba, concedida ao autor, Ipanguaçu, 1 nov. 2005.

Entrevista com Dario Nepomuceno, Fundador da Organização potiguar de arte cultura, desporto, Meio ambiente (Carnaúba Viva), Concedida ao autor, Assu, 1 nov. 2005.

## BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Terezinha de Queiros (Org). **Sesquicentenário da cidade do Assu. 1845-1995**. Natal: Departamento de Imprensa, 1995

BEZERRA, Carlany Miranda Pinheiro. **A dinâmica da produção e distribuição da cera de carnaúba no Vale do Açu**. Natal:UFRN, 1993

CARVALHO, Joaquim Bertino de Moraes. **Ensaio sobre a carnaubeira**. Natal: EMPARN, 1982 (coleção Mossoroense)

GUERRA, Phelippe. **A carnaúba**. Boletim do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, Rio de Janeiro: 1912

GUERRA, Otto. **Biobibliografia e uma visão do semi-árido**. In: ARANHA, Terezinha de Queiros (Org). Brasília: Senado Federal, 1991

..... **Tragédia e epopéia no Nordeste**. (artigos publicados em jornais do Rio Grande do Norte, 1948/53). Natal: UFRN, Pró-Reitoria de Pós Graduação, Cooperativa Cultural universitária do Rio Grande do Norte. Clima, 1983

GURGEL, Jonas. **A carnaubeira**. Mossoró: ESAM, 1989. (coleção Mossoroense, série B, n 631)

LINS, Rachel Caldas; ANDRADE, Gilberto Osório de. **Os rios de carnaúba I o rio Mossoró (Apodi)**. Mossoró: 2 ed. ESAM, 1977. (Coleção Mossoroense, v.2)

RODRIGUES, Valdemar; JUNIOR, Heitor Matallo. A desertificação e a implementação de uma estratégia para o seu combate. In: \_\_\_\_\_, **II Simpósio brasileiro sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável do semi-árido**. Mossoró: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 23 a 25 agosto, 2000

SANTANA, Lindaura Maria de. **Poder Público, exclusão social e o surgimento do modelo agroempresarial privado no Vale do Açu (1975-1990)**. Datilografado, 1990

## **ANEXOS**

Entrevista com Manoel Morais de Oliveira, gerente da empresa J. Maehllmann. Agentes do comércio exterior Ltda, antiga Mercantil Assu Ltda (MIASSU). Natural de Nova Cruz – RN, casado, tem 62 anos, três filhos e reside a rua Pedro Jose Soares de Macedo – 117 na cidade de Assu. O mesmo tem o segundo grau incompleto e trabalho há onze anos no comércio da cera. A referida entrevista foi feita nas instalações da usina no dia 31 de outubro de 2005.

1- Quando e como surgiu o interesse de comercializar a cera de carnaúba?

R- Eu comecei a trabalhar com a cera em 1977, cheguei em Assu e comecei no ramo pela usina Mercantil Martins Irmãos, fui clareador de cera destinada para exportação. Fiquei no trabalho da cera até 1985, depois sai, fui para a hidrelétrica do xingo, fiquei dez anos e voltei em 1994, recomecei a trabalhar com a cera e estou até hoje. Eu entrei no ramo porque me ofereceram um salário razoável na época, e agente quando entra na atividade da cera de carnaúba não sai mais, parece que é um vicio e para sair fica difícil; e antigamente o preço da cera valia apenas.

2- Durante esse tempo, que ano ou quais anos que a cera teve uma produção satisfatória?

R- De 1980 a 1986 a produção era muito boa, em termo de preço também. Essa cera arenosa que hoje custa em torno de 38 reais a arroba, em 1994 no início do plano real custava 90 reais. Começou a piorar de 2000 para cá.

3- Na sua opinião que acontecimento motivou a queda da produção da cera?

R- Eu acho que faltou incentivo do governo federal e estadual, e hoje tudo subiu. Para você ter uma idéia, para produzir uma arroba de cera arenosa gasta-se 42 reais e vende-a

por 38 reais, você perde dinheiro. A perda não é maior porque o pó do olho que corresponde de 10 a 15% da produção, recupera o prejuízo da cera da cera feita com o pó da palha. O preço do quilo do pó de palha é 1,70 e o do pó do olho custa 5,00. A maioria da cera produzida no Vale do Assu é exportada, e como o dólar está ficando desvalorizado, o preço da cera cai no exterior, fazendo com que declinasse a produção.

4- Qual a parcela de culpa das multinacionais nesse declínio?

R- Elas derrubaram em torno de 40% do carnaubal, pegaram a maioria dos trabalhadores que trabalhavam na cera de carnaúba, e como tem carteira assinada, o pessoal prefere essas empresas, pois a carnaúba não assina a carteira, é um serviço temporário, de agosto a janeiro, começou a chover tem que parar.

5- A derrubada indiscriminada da carnaúba poderia ter sido evitada?

R- Se tivesse uma política forte do governo isso poderia ter sido evitado, porque dá para deixar a carnaúba mesmo derrubando 10% do que eles derrubaram. Você começando de Ipanguaçu no outro lado do rio até Pendências não se vê carnaubal, foi tudo derrubado, só se vê bananeira.

6- Na sua opinião, porque as prefeituras dos municípios afetados pelo desmatamento, em parceria com o Ibama, não tomou nenhuma providência em relação a esse episódio?

R- Eu acho que eles não tomaram providência pensando na geração de emprego que essas firmas iam proporcionar aos habitantes do Vale do Açu, mesmo sabendo que a derrubada da carnaúba seria prejudicial à natureza.

6- Além da baixa produção, o preço da cera caiu muito no mercado. Porque um produto de tão vasta utilização industrial está sendo tão desvalorizado?

R- Isso depende muito do dólar, porque a maioria da cera é exportada, hoje a oferta, apesar de ter diminuído muito a produção do vale, está sendo maior que a procura, então

cada exportador oferece um preço menor para ver se vende mais. Com a queda do dólar, o produtor e o exportador está tendo dificuldade, pois está produzindo e comprando cera e não ganha quase nada. Outro detalhe, no RN o produtor e comerciante de cera paga o ICMS, já os do Estado do Ceará são isentos.

7- No nordeste tem industria que utiliza a cera como matéria-prima?

R- No nordeste não tem, no Brasil tem uma indústria no Rio de Janeiro, a cera Johnson, que faz a cera de polimento, cera de assoalho, mais a maioria da cera produzida no nordeste é exportada, ficando em torno de 30% no Brasil.

8- Quando o comércio da cera era satisfatório existiam várias usinas de beneficiamento da cera no Vale do Açu. E hoje, quais são as usinas existentes?

R- Hoje existe usinas manuais que trabalham artesanalmente, prencinhas de antigamente de quando começou o trabalho com a cera. O produtor da cera, com quatro prensa e um conzinhador, produz 800 kg de cera por dia, isso tendo pó. Vinte quilos de pó , produz quinze de cera.

9- Dê a sua opinião para as perspectivas para a produção e comercialização da cera no futuro?

R- Se tivesse um incentivo melhorava alguma coisa, mais eu creio que sem esse incentivo isso aqui vai se acabar logo, porque você não consegue mais ninguém para trabalhar no carnaubal pelo fato de ser um serviço pesado, e aquele pessoal que corta carnaubal, que se chamam de vareiro está se acabando, só tem gente velho, a partir dos 45 a 50 anos, e os jovens não querem assumir esta profissão, eles querem trabalhar nas industrias que se instalaram no Vale.

10- O que deveria ser feito para mudar esse quadro?

R- Resumindo, seria incentivo governamental, porque o governo deveria abrir um preço mínimo para a compra da cera, porque hoje diz rapaz eu só compro sua cera a quarenta reais, e se tivesse um preço mínimo a quarenta e dois, nós só entregávamos a cera ao governo que estocava, como era antigamente. A carnaúba já gerou tanto emprego, para você ter uma idéia na fase boa da carnaúba, cada turma tinha em torno de 22 pessoas. Se um chefe de turma tivesse três, já era 66 pessoas, isso em emprego direto, vem os indiretos, tem os das indústrias; dá emprego demais, se sumir vai acabar tudo.

11-É verdade que a cera do Vale do Açu tem uma qualidade superior a das outras produzidas em outros lugares?

R- É porque a cera do Vale do Açu clareia melhor, o teor de cera de nosso pó é maior do que o de Ceará e Piauí, se você fizer uma arroba de cera com 19 kg de pó aqui, lá só se faz com 22 ou 23 kg, lá a maioria do pó é com 60%, no Vale do Açu tem com 80% e o de olho chega a 90%.





CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL

PARA O DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UFRN

1. Pelo presente documento MANOEL MORAIS DE OLIVEIRA,

carteira de identidade 5931420, emitida por SSP - SP,

CPF 520.987.537-53, residente e domiciliado em R. Pedro José Soares da União, 117 - Assu - RN

cede e transfere neste ato gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Departamento de História da UFRN, a totalidade dos seus direitos patrimoniais do autor sobre o depoimento oral prestado no dia 30-10-2005, na cidade de Assu Perante o pesquisador.....

Alexson Bannister de Souza

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento do que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica, pois o Departamento de História da UFRN, plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Assu 30 de outubro de 2005  
Local data  
Manoel  
Nome do Cedente

Departamento de História da UFRN

TESTEMUNHAS

Rene Francisco de Aguiar Filho Luiz Francisco de Aguiar

Nome legível

CPF: 022863084-38

Nome legível

CPF: 637955924-91

Entrevista com Francisco Sales de Moraes, 37 anos , arrendatário e produtor da cera de carnaúba, natural de Pendências-RN casado pai de 3 filhos e reside no distrito de Língua de Vaca Município de Ipanguaçu. O mesmo tem o primário incompleto e trabalha há 14 anos como arrendatário e produtor de cera de carnaúba. A referida entrevista foi feita na residência do entrevistado.

1- Há quantos anos você com o arrendamento do carnaubal para a extração de palha?

R- Eu comecei aos 8 anos com meu pai, ele lutou com o corte de palha durante 43 anos, criou uma família com essa atividade, e quando ele chegou a falecer eu continuei o trabalho dele. Desde 1991 eu sou arrendatário de carnaubal.

2- Durante esse tempo, a cera teve altos e baixos no mercado. Quais foram os melhores anos para você?

R- para mim 1995 foi bom, vamos dizer há uns 8 anos atrás, produzia bem o preço estava bom, mas de 2000 para cá as coisas começaram a ficar difícil.

3- De onde sai o capital para pagar os trabalhadores do corte?

R- Antes agente tinha o patrão quando as coisas estavam boas. A cera tinha tradição, eles forneciam o dinheiro, mas de uns tempos para cá veio diminuindo a produção. Toda semana tinha o dinheiro para pagar o pó e os trabalhadores. Hoje quem está sendo o nosso patrão são os próprios trabalhadores, porque agente trabalha, vai produzir e quando apronta e vende o produto, é quando tem o capital para pagar a todos. Hoje está existindo dificuldade até para vender a cera. O patrão de quem eu falei eram os exportadores da cera, que hoje não existe mais. A MIASSU instalada no Vale do Açu é propriedade de

uma pessoa de fortaleza. O banco também liberava verba para a produção, mas atualmente nem isso faz mais.

4- Para você o que causou a queda da produção de cera no Vale do Açu?

R- Comentam-se que foi a substituição da cera por produtos derivados do petróleo, mas não é só isso porque a cera de carnaúba aqui está sendo desvalorizada, mas quando chega nas mãos dos exportadores existe algum valor. Eu acho que os exportadores contrai dívidas junto ao banco e querem tirar o prejuízo nas nossas costas comprando a nossa cera barata. As multinacionais também têm sua parcela de culpa porque atraiu os trabalhadores da carnaúba para elas, hoje quase ninguém quer trabalhar no corte de palha.

5- As pessoas que antes trabalhavam no corte, hoje trabalham na delmonte, finobrasa. Na sua opinião porque esses trabalhadores preferem essas empresas?

R- Porque as empresas pagam um salário fixo, lá eles têm carteira assinada, tem os direitos trabalhistas, se por acaso um dia sair, e nós aqui não temos como pagar um salário fixo até porque o preço da cera não dá para que agente possa oferecer um melhor salário. Não temos uma cooperativa, se fosse mais organizado quem sabe a cera tivesse um preço melhor no mercado, a agente pudesse assinar também a carteira. Porque se existisse uma organização e um financiamento por parte dos bancos nós assinávamos a carteira deles e assim eles se empenhavam mais.

6- Por que não fazer uma cooperativa com aqueles pequenos produtores da cera que ainda resiste a desvalorização da mesma?

R- Sim, é só aquela questão de nós nos organizarmos e procurar melhorias, pois essas pessoas que ainda vive da cera, são da raiz, que sobrevive da atividade. Desta forma temos que nos unir e tentar fazer alguma coisa para a cultura da carnaúba não se acabar, pois essa cultura faz parte da vida de todos nós.

7- Está havendo alguma dificuldade para conseguir trabalhador para o corte de palha.

Porque?

R-Está, por causa da transferência desses para as firmas. O ganho está sendo pouco, pois agente não pode pagar mais, pelo fato da cera não ter preço para pagar um salário justo. É um serviço muito pesado, e para ganhar pouco o pessoal não vai. Antes existia uma grande quantidade de cortadores de palha, isso quando o preço da cera era satisfatório, incentivava o aparecimento de mais vareiro. O enfiador de palha, o aparador de palha na hora do lanche ou do almoço, estava treinando para aprender a profissão, mas daqui a um certo tempo isso vai acabar. A tendência é desaparecer o cortador de palha porque vão envelhecendo, e os mais novos não estão querendo aprender a profissão. Estou vendo a hora a atividade sumir do mapa, estamos na UTI, a beira da morte.

8- A queda na produção da cera e seu baixo valor, fizeram muita gente desistir do ramo.

O que te faz permanecer nessa atividade?

R-O me faz permanecer é a tradição é a raiz, isso com o tempo se torna um vício e agente não sai. Tenho minha maquinazinha, a minha usininha, e isso eu não quero deixar parado, mesmo com o prejuízo. Já ganhei muita coisa, mas agora estou perdendo pelo fato da cera não ter mais valor. É um ramo que eu aprendi a gostar, é minha vida, é meu sustento, está difícil, mas dá para tirar o necessário para a alimentação, vivo disso, foi o que eu aprendi, não tenho outro meio, se isso acabar me acaba também.

9- O desmatamento da carnaúba pode causar uma série de conseqüências ao meio ambiente do vale, além da queda da produção da cera. Para você o que fazer para impedir esse desmatamento?

R-Pedir aos poderes públicos que analise esse crime e não permitir mais a derrubada.

10- Dê a sua opinião para o que pode acontecer com a carnaúba no futuro, incluindo a extração de palha?

R-Do jeito que vai pode extinguir tudo, agente vai ficar sem o trabalho da carnaúba, porque as firmas estão derrubando e sem a árvore ficamos sem meio para se trabalhar. Há um tempo atrás você ia para uma feira em Assu e via muita gente, pois a cera de carnaúba fazia circular em torno de 60 a 80 mil reais por semana. Hoje você vai a feira e não vê um trabalhador da palha. As firmas pegam o pessoal para trabalhar nos sábados, domingos, feriados e dias santos. O operário que trabalham nessas empresas não tem tempo de ir pelo menos uma vez por mês na feira de Assu. Isso está acabando nossos costumes, nossa cultura.

11- Para você, o que tem que ser feito para valorizar o trabalho da extração de palha?

R-Primeiramente é o mercado reagir, o produto ter um preço justo, os bancos nos dá condições, o governo dá incentivo para o pequeno produtor possa trabalhar no ramo da carnaúba. Que exista uma liberação de crédito para que agente dê continuidade e para que a atividade extrativa da carnaúba não se acabe. Que o poder publico nos ajude, façamos uma cooperativa para nós ficarmos mais organizado. Porque se a cultura da carnaúba acabar, vai embora uma série de coisas. Começando com o pequeno, e quando chegar nos grandes, eles também vão sentir falta. Porque se agente não produzir vai faltar o material no mercado.

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL  
PARA O DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UFRN

1. Pelo presente documento, FRANCISCO SALES TAVARES DA  
FONSECA, .....  
carteira de identidade 980.565, emitida por SSP/RN, .....  
CPF 642.596.754-8, residente e domiciliado em LINGUA DE  
MATA MUNICÍPIO DE IPANGUAçu

cede e transfere neste ato gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Departamento de História da UFRN, a totalidade dos seus direitos patrimoniais do autor sobre o depoimento oral prestado no dia 11-11-2005, na cidade de IPANGUAçu. Perante o pesquisador Edson Banneto de Souza

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento do que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica, pois o Departamento de História da UFRN, plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

IPANGUAçu, 11 de novembro de 2005

Local data  
Francisco Sales Tavares da Fonseca

Nome do Cedente

Departamento de História da UFRN

TESTEMUNHAS

Bruno Eduardo dos Santos

Nome legível

CPF: 032.867.429-88

Beth Ferrnanda Edson de Souza

Nome legível

CPF: 059.655-104-54

Entrevista com Dario Gaspar Nepomuceno fundador da organização potiguar de arte-cultura, desporto e meio ambiente (carnaúba viva), natural de Santos – SP casado, pai de 2 filhos, residente a rua Bernardo Vieira, 33 centro, Assu – RN. O mesmo é universitário do curso de Teologia. A referida entrevista foi realizada na sede da ONG.

1- Quando e como surgiu a idéia de fundar a ONG?

R- Bem, surgiu já há algum tempo, eu tinha uma vontade de fazer um trabalho social e cultural. Há dois anos eu e minha esposa resolvemos convidar alguns amigos que tinha um ideal semelhante, e trabalharmos com arte cultura e uma preocupação ambiental também, e está dando certo.

2- Qual o principal objetivo da ONG?

R- É um trabalho social, ambiental e cultural, como o próprio nome da organização sugere, que é Organização Potiguar de Arte-Cultura Desporto e Meio Ambiente, e nome fantasia é Carnaúba Viva.

3- O trabalho de vocês está surtindo efeito?

R- Graças a Deus está, principalmente com esse projeto que tem o nome da nossa organização que é Carnaúba Viva. O projeto é uma idéia de um amigo nosso João Batista Dantas técnico da Petrobrás. Ele teve a idéia de substituir o revestimento de alumínio dos dultos de vapor da Petrobrás pela a esteira de carnaúba. E esse é um projeto que tem dado mais resultado. Nesses dultos passam linhas de vapor de 260 graus que tem que ser protegido por silicato de cálcio, que é um tipo de gesso, e esse silicato não pode ser exposto ao tempo, precisando de uma proteção. Essa proteção era alumínio que estava sendo roubado, por isso a substituição.

4- Além da Carnaúba Viva, existem outras organizações voltadas para a defesa da carnaúba e de seu artesanato?

R- Voltadas para o artesanato existem outras, mas com essa preocupação de proteger a carnaúba agente ver mais no Ceará e algum movimento em natal, Terezinha Aranha é um exemplo, aqui agente ver pouca coisa. No Vale não se observa movimento e sim preocupação individual de algumas pessoas.

5- Andréa Lessa, professora da CEFET Natal, denunciou a derrubada indiscriminada da carnaúba feita pela delmonte, como também a vista grossa do IBAMA perante esse crime. Na sua opinião, essa denuncia conseguiu inibir esse desmatamento?

R- Não estou bem informado de como está este processo, mas eu ouvi falar dessa denuncia. O que agente ver muito também é que os próprios proprietários não têm consciência da importância da carnaúba, são os primeiros a derrubar a árvore. Por isso tem que ser feito um trabalho de conscientização e valorização para essas pessoas reconhecerem o valor dessa palmeira. Antigamente algumas pessoas enriqueceram, e hoje como eles não conseguem o mesmo resultado, assim acham que é normal derrubar a carnaúba, sabendo que pode está causando um desastre ecológico, pois a carnaúba protege o lençol freático, equilibra a salinidade do solo; elas têm várias utilidades para o meio.

6- O artesanato da palha da carnaúba oferece ao artesão uma renda satisfatória que o faça permanecer no ramo?

R- Ultimamente tem melhorado graças a Deus, mas há um pouco tempo atrás a renda era quase nula. Agente tem participado de feira fora daqui, em outros Estados, o produto é divulgado e vendido. Tem associações, cooperativas, a covale que está sendo revitalizada, temos o centro do artesanato. Todos trabalham com a palha de carnaúba que é o carro chefe.



7- Você tem o levantamento de quantas pessoas trabalham diretamente com esse artesanato?

R- Exato não, mas só no projeto da gente (Carnaúba Viva), só que ele não se restringe ao Vale do Açu, tem em outros municípios. Temos também projetos em Aracati Ceará. Nesse projeto daqui temos mais de cem mulheres; estamos difundindo este artesanato.

8- Em virtude do desmatamento, a carnaúba poderá ser extinta da flora do Vale, extinguindo também parte da cultura desse povo. Diante desse problema o que deveria ser feito para mudar esse quadro?

R- Como eu já tinha falado antes, é fazer um trabalho de conscientização e valorização da carnaubeira, aproveitando os subprodutos dela e gerar alguma renda para as pessoas que vivem do seu artesanato. Seria interessante também, que fosse criada uma lei de proteção a carnaúba. Existe uma reserva no Alto São Francisco que protege várias espécies da caatinga, mas não se restringe a carnaúba. O lugar ideal para a criação dessa reserva seria a cidade de Carnaubais que tem uma quantidade muito boa de carnaúba. E se a própria população se conscientizasse e se unir isso pode mudar.

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL  
PARA O DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UFRN

1. Pelo presente documento Daniel Gaspar do Nascimento,

carteira de identidade 18993425, emitida por.....

CPF 062.336.528-35, residente e domiciliado em R. Bernardo

Vianna, 33, Centro - ASSU - RN

cede e transfere neste ato gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Departamento de História da UFRN, a totalidade dos seus direitos patrimoniais do autor sobre o depoimento oral prestado no dia..... na cidade..... Perante o pesquisador....

Edson Batista de Souza

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento do que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica, pois o Departamento de História da UFRN, plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

ASSU ..... 01 de novembro de 2005

Local

data

Edson Batista de Souza

Nome do Cedente

Departamento de História da UFRN

TESTEMUNHAS

Edson Batista de Souza

Nome legível

CPF: 702.645.1164-15

Edson Batista de Souza

Nome legível

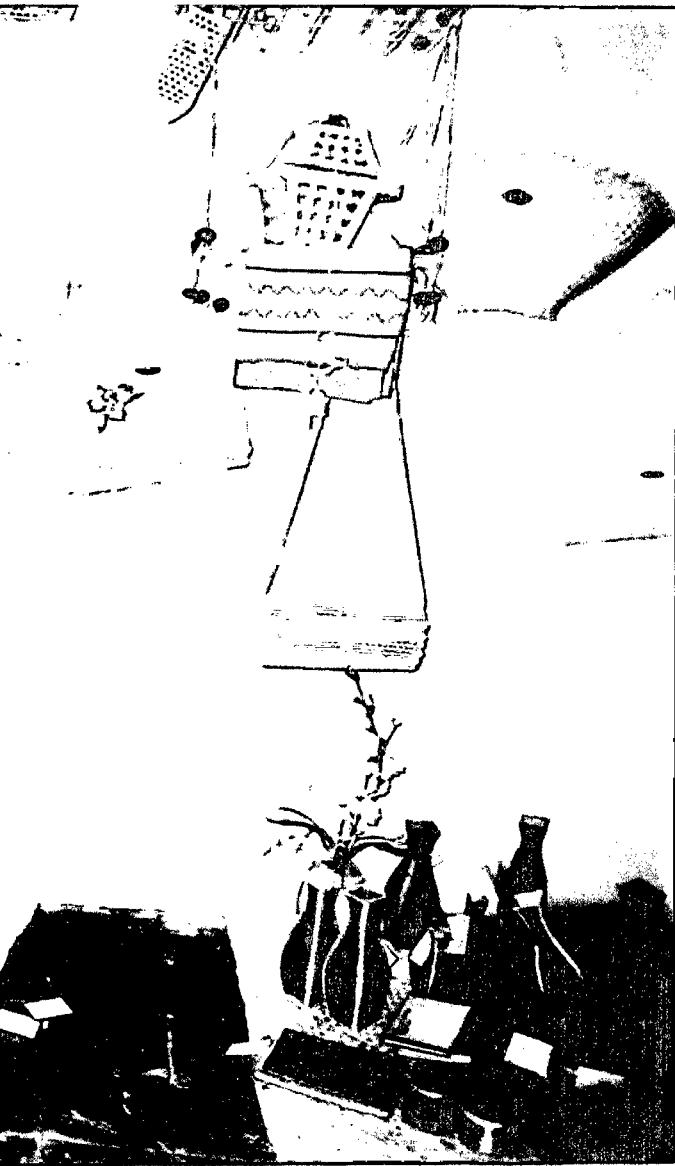
CPF: 055.775.874-25



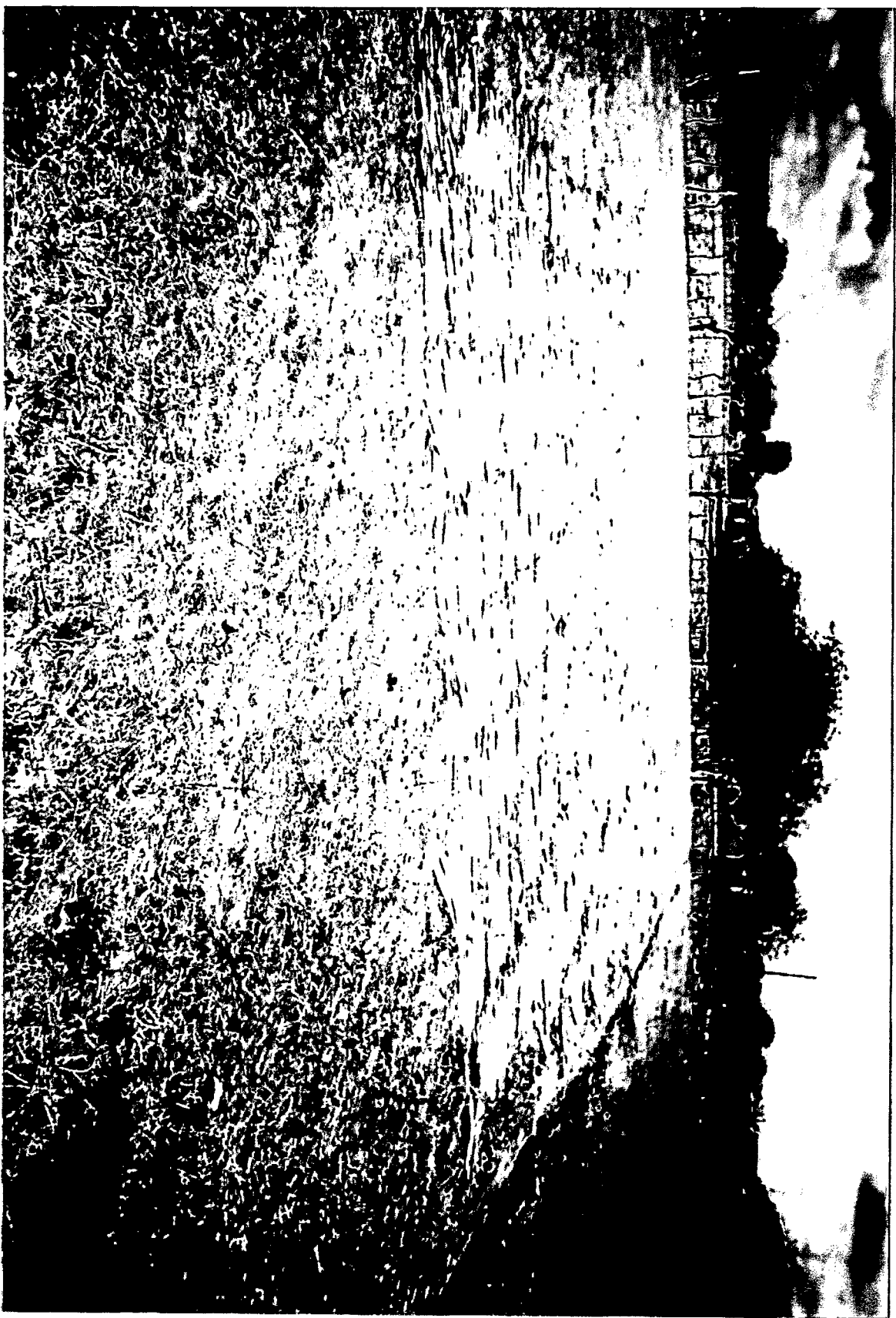
Prensa



Artesanato da palha da carnaúba



Olho da carnaúba exposto ao sol





Carnaubal após o corte da palha



Quandu





Carnaubal em terreno argiloso